



Rimando a cidade: das práticas sonoro-musicais de MCs na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS)

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Bruno Affonso Muck¹
UFRGS – brunomuck@hotmail.com

Maria Elizabeth Lucas
UFRGS – lizabet2008@gmail.com

Resumo. Este trabalho apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa etnomusicológica sobre as múltiplas práticas sonoro-musicais de jovens participantes de Batalhas de MC's na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). Tendo como objetivo discutir a relação entre a prática do Rap em Batalhas de MC's e em produções audiovisuais veiculadas no ciberespaço com a circulação de seus atores entre espaços urbanos centrais e periféricos, ponderam-se as contribuições, desde um ponto de vista teórico-metodológico, dos conceitos de etnografia multissituada e de narrativas sônicas para o processo de construção do universo de pesquisa diante da restrição do trabalho de campo a meios virtuais no contexto da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: Batalhas de MCs, espaço urbano, etnografia multissituada, narrativas sônicas, trabalho de campo virtual.

Title: *Rhyming The City: On The Sonic And Musical Practices Of MCs In Porto Alegre's (RS) Metropolitan Region*

Abstract. This paper presents initial reflections from an ethnomusicological research on the multiple sonic and musical practices of young participants in MC Battles in Porto Alegre's (RS) Metropolitan Region. Aiming at discussing the relationship between the practice of Rap music in MC battles and in audiovisual productions broadcasted on the cyberspace with the circulation of its actors among central and peripheral urban spaces, I weigh in at the contributions, from a theoretical and methodological standpoint, by the concepts of multi-sited ethnography and sonic narratives to the research universe construction process in sight of the restriction of fieldwork to virtual means in the context of the COVID-19 pandemic.

Keywords: MC battles, urban space, multi-sited ethnography, sonic narratives, virtual fieldwork.

1. Introdução

Este trabalho busca sintetizar uma série de preocupações emergentes da reconfiguração das estratégias de entrada em campo em uma pesquisa etnomusicológica sobre as práticas sonoro-musicais de jovens participantes de Batalhas de MCs na Região



Metropolitana de Porto Alegre (RS), no contexto de restrição do trabalho de campo etnográfico a meios virtuais. Apresenta-se, de início, um breve panorama da trajetória do Rap em Porto Alegre nas últimas quatro décadas, delineando-se assim o universo de pesquisa bem como os recortes teórico-metodológicos pertinentes para esta exposição.

O Hip-Hop desponta em Porto Alegre no final dos anos 1980 nos *bailes black* realizados na Zona Leste da cidade, espaço de bairros populares e negros da capital.² Organizados por equipes de som, estes eventos enfatizavam a sociabilidade dançante e o estabelecimento do *breakdance* na região, oferecendo um espaço de prática para DJs e MCs³ (MAZER, 2017, pp. 138-9), elementos do Hip-Hop de cuja soma deriva o Rap. A trajetória do Rap em Porto Alegre perpassa o surgimento, nos anos 1990, de grupos como Revolução RAP e Da Guedes, oriundos de bairros também na Zona Leste da capital, e a atuação continuada na mídia nos anos 2000, sobretudo através da interlocução com a TV Educativa do Estado (TVE-RS) em programas como o “Hip-Hop Sul” (1999-2008), demarcando um período caracterizado pela ação política através de ONGs e associações culturais como a Alvo Associação Cultural (SOARES, 2013). No início da década de 2010, surgem na cidade as Batalhas de MCs, as quais, argumenta-se (CAMPOS, 2020), têm alterado a lógica de organização e de atuação política, bem como as prioridades estéticas, do Rap no Brasil. As batalhas são eventos baseados em uma série eliminatória de duelos de rimas improvisadas entre MCs, divididas em duas modalidades: a batalha de Sangue, em que se objetiva superar o oponente através de ataques verbais e no desempenho rítmico do canto falado; e a batalha de Conhecimento, na qual MCs constroem o duelo de rimas a partir de um tema pré-definido sem a premissa de atacar o oponente.

O marco fundacional das Batalhas de MCs em Porto Alegre tem sido associado com a “Batalha do Mercado”, evento sediado desde 2011 nas imediações do Mercado Público (ABALOS JUNIOR, 2014), fácil ponto de encontro e reunião populacional devido a ser ponto de convergência nodal de transportes urbanos e interurbanos no centro da capital. No entanto, podemos identificar em Mazer (2017, p.152) um acréscimo considerável, a partir de 2017, no número de eventos realizados em uma expansão que se dá do centro para a periferia, com o protagonismo de MCs em início de carreira, parte de uma nova “safra” de talentos e, talvez, uma nova geração do Rap em Porto Alegre e na região metropolitana. Esta expansão desdobra-



se em casos como o da Batalha da Escadaria (BdE), conhecida batalha de periodicidade semanal fundada, de acordo com sua organizadora, Carol (comunicação pessoal - 2021), para atender à demanda por mais eventos em que MCs pudessem desenvolver suas habilidades, dado o fato de a Batalha do Mercado ocorrer apenas uma vez ao mês, e para enfatizar através da modalidade Sangue a agressividade das rimas, tida como fundamental para o Rap. A escolha da escadaria do Viaduto da Borges (Figura 1) no Centro Histórico de Porto Alegre como local para realização da BdE visava também ocupar, por meio da presença significativa da juventude negra e periférica da RMPA, um espaço em cujas adjacências jovens de origens sociais diversas congregavam-se em eventos de rua dinamizados pela música. Neste sentido, destaca-se o espaço conhecido popularmente como Viaduto do Brooklyn (Figura 2), que sediava semanalmente uma batalha homônima e servia como a segunda “casa” para demais batalhas do centro de Porto Alegre em dias chuvosos.



Figura 1 (Fonte: Página do Facebook da Batalha da Escadaria)



Figura 2 (Fonte:Sul 21)

Do conhecimento observacional das Batalhas do Brooklyn e da Escadaria, surgiu em 2019 a ideia de um estudo etnomusicológico focado nas dinâmicas interacionais das juventudes locais na batalha de Sangue. Com a chegada da pandemia, no início do mestrado, as transformações do projeto original foram inevitáveis e vão desde o diálogo com os aportes da etnografia multissituada (MARCUS, 1995) até as discussões sobre o trabalho de campo online (POLIVANOV, 2013; AHLIN; LI, 2019). Elas foram essenciais na revisão do universo e dos procedimentos de pesquisa a fim de abranger e instrumentalizar metodologicamente entrevistas, conversas, diálogos online/offline, bem como produções audiovisuais de rappers da RMPA veiculadas no ciberespaço desde 2018. Apresento os primeiros esboços de narrativas sônicas (SANTOS, 2015) elaboradas com interlocutores em interações não-presenciais como forma de explorar algumas questões acerca da relação entre múltiplos contextos de prática do Rap e da Cultura Hip-Hop e a circulação de seus atores sociais no espaço urbano metropolitano.



2. Batalhas de MCs, etnografia multissituada e trabalho de campo virtual

Pensando no paradigma fenomenológico de Titon (2008) e na acustemologia de Feld (2017) como bases epistemológicas para abordar a imbricação entre a experiência compartilhada do som e as dinâmicas de ocupação do espaço urbano porto-alegrense através das Batalhas de MCs, projetava uma entrada em campo que possibilitasse o desenvolvimento colaborativo com interlocutores da pesquisa de estratégias que enfatizassem o aspecto experiencial e relacional do conhecimento de mundo situado e construído por meio de suas práticas sonoro-musicais em trânsito no espaço urbano. Tais estratégias prescreveriam um engajamento interpessoal intensivo e uma circulação relativamente ampla entre distintos lugares para o estabelecimento de vínculos de confiança entre as partes envolvidas e experiências de pesquisa via contato face-a-face.

A própria configuração do circuito regional de Batalhas de MCs que vinha sendo observado sugeriria uma aproximação à noção de etnografia multissituada (MARCUS, 1995), tendo em vista o trânsito constante de MCs entre batalhas sediadas no centro e nas periferias de Porto Alegre e região metropolitana. Evidentemente, a restrição à circulação de pessoas em espaços físicos e do contato face-a-face pelo bem maior de preservação da vida diante da conjuntura pandêmica colocou em xeque, na largada, um dos modos fundamentais de construção de uma etnografia multissituada, no caso, o processo de seguir as pessoas em seus deslocamentos e naquelas redes de sociabilidade que permeiam o desenvolvimento de suas práticas sonoro-musicais.

No entanto, certos movimentos teórico-metodológicos possibilitam a apropriação de aspectos da etnografia multissituada para pensar tais práticas a partir de meios virtuais, especialmente no que diz respeito à transformação do entendimento acerca de sua contextualização em formações sociais mais amplas e na medida em que se observa e interpreta a circulação de produções musicais e audiovisuais de MCs no ciberespaço levando em consideração prioridades culturais, políticas e estéticas valorizadas no Rap. Através da observação em modo “lurking” (POLIVANOV, 2013) de postagens em perfis de sites de redes sociais, tornou-se possível mapear uma série de produções audiovisuais de rappers inseridas em diferentes contextos de bairros periféricos da grande Porto Alegre, encaradas como, para além



de materiais analisáveis, meios de se estabelecer vínculos em campo e potenciais tópicos de discussão em entrevistas etnográficas.

Partindo dos *posts* de divulgação de perfis de MCs participantes da 100ª edição da Batalha da Escadaria, realizada em formato de *live* no Instagram no dia 23 de maio de 2021, o processo de rastreamento foi continuado por meio do acesso a *hyperlinks* disponibilizados nesses perfis, redirecionando para os vídeos sítidos no Youtube. A partir dessas produções⁴, pude acessar uma outra faceta das práticas de MCs cujas performances havia presenciado no período de elaboração do projeto de pesquisa, atrelado à observação de caráter exploratório da Batalha do Brooklyn e da Batalha da Escadaria entre o final de 2018 e 2019. Dado que neste período não estabeleci interlocuções de fato com os participantes, em larga medida fruto do receio de cometer, na posição de jovem pesquisador branco, alguma intrusão indesejada em um contexto social predominantemente negro e periférico, o mapeamento de vídeos no ciberespaço contribuiu: por um lado, para esboçar de modo mais concreto uma rede de relações pela qual circular no trabalho de campo; e, por outro, para identificar prioridades valorizadas nas representações do espaço urbano em vídeos de Rap. Nesse sentido, a centralidade atribuída à categoria "lugar" nos vídeos de Rap estadunidense dos anos 1980/90, traduzida na noção de gueto-centricidade (ROSE, 1994) - a concepção do gueto como *locus* de origem social e discursiva do Hip-Hop por excelência -, estende-se para o contexto de produção local do Rap na RMPA, uma vez que diferentes bairros da região, e a periferia como um espaço vivido, são incorporados nas narrativas audiovisuais simultaneamente como cenário e temática, texto e contexto.

Entre estéticas musicais mais tradicionais do Rap como o *boom-bap* e outras mais recentes como o *trap*,⁵ MCs da RMPA agenciam diversos sentidos da noção de periferia metropolitana por meio da música e da poesia e da representação audiovisual de espaços pelos quais circulam no cotidiano, questionando a associação hegemônica do sujeito periférico à pobreza, à violência e ao crime em busca de representações alternativas que enfatizem sua potência enquanto sujeito político (D'ANDREA, 2013), ora através de uma postura crítica à violência policial racializada, ora através da reivindicação da periferia enquanto um espaço de cultura e lazer e da possibilidade de ascensão social através da música manifestada no estilo



cultural. Nessas performances, agenciam-se não somente representações da periferia, mas também daquilo que se entende como "o sistema", na medida em que o poder instituído, identificado local e regionalmente nos governos municipais e estaduais e, numa escala mais ampla, no governo federal, no capitalismo e nos impactos persistentes da violenta herança escravocrata brasileira, é interpelado criticamente, de modo que se torna possível, retomando o pensamento de Marcus (1995), diagnosticar e (re)compor etnograficamente os significados associados ao sistema-mundo de acordo com pontos de escuta nativos multissituados.

Sendo assim, o processo de localização dos espaços periféricos de prática sonoro-musical de MCs se desdobra em videoclipes veiculados no ciberespaço na medida em que suas narrativas audiovisuais incorporam em si a vivência dos lugares de onde emergem e ao passo que o acesso a tecnologias de produção e circulação musical assenta-se em infraestruturas locais afetadas por desigualdades socioeconômicas que atravessam tanto espaços físicos como virtuais. Tal configuração revela a profunda imbricação entre os domínios do virtual e do presencial e a necessidade de compreender sua relação como de continuidade e não dicotomia (POLIVANOV, 2013), implicando reconhecer a complementaridade entre práticas sonoro-musicais que, embora tenham sua condição de possibilidade na co-presença em um espaço físico delimitado, circulam preponderantemente em meios virtuais, e aquelas que, dependendo da mediação tecnológica, seja por sites de redes sociais ou por aparelhos de reprodução sonora, têm no contato face-a-face seu *sine qua non*. Os casos paradigmáticos de cada um dos modelos são, respectivamente, as mídias fonográficas/audiovisuais e, neste caso, as Batalhas de MCs.

Portanto, situar as práticas musicais de MCs da RMPA nos bairros periféricos por meio de videoclipes veiculados na internet nos permite apenas compor um quadro parcial do universo de pesquisa, na medida em que a participação destes atores em Batalhas de MCs nos bairros centrais de Porto Alegre complexifica o entendimento de sua circulação entre distintos espaços sociais. O que se impõe imediatamente é, mais do que a atividade de localização e identificação dos espaços de prática em lugares específicos, a observação dos trânsitos efetuados entre eles. Ademais, uma pesquisa etnográfica baseada na observação participante em meios virtuais e em eventos de campo realizados através de TICs (AHLIN; LI, 2019), diante de uma crise sanitária que conduziu à interrupção quase total de eventos musicais presenciais,



não se depara somente com a distribuição de práticas e relações em um espaço-tempo difuso, mas também com o tempo cindido entre pré-pandemia e pandemia, embora as práticas em questão atravessem os dois momentos, seja no âmbito da memória a elas atreladas ou de sua continuidade no presente.

Reconhecendo o caráter multissituado, fragmentado, mediatizado e multimodal do objeto de pesquisa, um conceito que possibilita certa coerência teórico-metodológica, a fim de relacionar as diferentes linhas de força traçadas até aqui, é o de “narrativas sônicas” (SANTOS, 2015), uma vez que permite abordar relatos orais, textuais, audiovisuais e sonoros a respeito da experiência do som em espaços urbanos de modo transversal aos distintos tempos e espaços acionados em narrativas elaboradas com interlocutores de pesquisa em campo. Assim penso à medida que, se propusermos uma abordagem reflexiva e relacional ao ato de etnografar relatos acerca do sonoro, podemos compreender a própria escrita etnográfica como uma forma de narrativa sônica, ou, seguindo a Acustemologia de Feld (2017, p. 87), de histórias relacionais de escuta; convertendo-se a observação participante, em larga medida, no processo de escutar histórias de escuta atinentes à coabitação e à co-presença dinamizadas pela experiência do som. Assim, o procedimento de seguir as pessoas proposto por Marcus (1995), levado a cabo pelo rastreamento no ciberespaço de performances e de redes de relações cuja localidade se encontra embutida em narrativas audiovisuais, é complementado pelo estabelecimento de interlocuções que possibilitem a elaboração dialógica de narrativas sônicas, permitindo ao etnógrafo recompor trajetórias, relações e práticas referentes a espaços-tempos inacessíveis pela experiência imediata.

3. Esboços de narrativas sônicas entre MC’s de batalha

Das primeiras interações online conduzidas com atores das Batalhas de MC’s que residem na RMPA, destacam-se aqui uma entrevista em videochamada com Carol, jovem negra de 25 anos, organizadora e apresentadora da BdE que trabalha como atendente de bar *freelancer* na região central de Porto Alegre e outra entrevista realizada através da troca de áudios via Instagram Direct com o MC Rick Duarte/Dubaile, jovem rapper negro de 19 anos que busca



seu sustento, assim como “alegrar o dia das pessoas”, rimando na concorrida linha do Trensurb, metrô de superfície que conecta Porto Alegre a cinco municípios da RMPA.

Interessa, sobretudo, a esta exposição a interlocução realizada com Carol (comunicação pessoal - 2021) sobre seu papel enquanto organizadora e apresentadora da Batalha da Escadaria, o qual é preponderante para o nexu construído entre a palavra de ordem “Batalha não é rolê” e o engajamento desejado do público na escuta das rimas de MCs nas Batalhas da RMPA. Dentre as atribuições de um/a apresentador/a de uma Batalha de MCs, destacam-se a mediação da votação realizada pelo público - fazendo barulho ou, se necessário, levantando a mão - para determinar o vencedor ao final de cada duelo, bem como a chamada de refrãos organizados em chamada e resposta para preparar o clima do duelo.

Um destes refrãos conhecidos desde o período pré-pandemia, principalmente na Batalha do Brooklyn, era justamente a troca entre apresentador/a e público do bordão “Batalha não é rolê”. Conversando com Carol, descobri que a frase é de sua autoria e que havia sido cunhada, empregada como refrão nas batalhas e enfatizada nas descrições de evento da Batalha da Escadaria no Facebook para conscientizar o público a respeito do investimento pessoal e financeiro despendido por jovens da RMPA no deslocamento de seus lugares de moradia nas cidades-satélite, ou de bairros periféricos da capital, a fim de participarem nas Batalhas de MCs da região central da cidade.

O corolário do reconhecimento de tal investimento seria a dedicação de atenção total às rimas dos MCs, a fim de honrar o esforço destinado à participação no evento, incluindo custos de passagem de ônibus ou trem, por vezes após uma longa jornada de trabalho e/ou estudo, e para que o público pudesse votar de acordo com o desempenho dos MCs nos duelos. A disposição e atenção destinadas não apenas à escuta, mas também à participação de comportamentos sonoros que contribuem para a intensificação das improvisações de MCs, apresentam um caso forte para seu entendimento como um modo de ser-no-mundo distinto da “atitude natural” cotidiana, isto é, como um modo de ser-no-mundo musical (TITON, 2008), ou ainda, de experienciar a cidade através do jogo de rimas.

O diálogo com o MC Rick Duarte/Dubaile (comunicação pessoal - 2021) debruçou-se inicialmente sobre o processo de criação da canção *Boné da Oakley*⁶ (2021) e de seu



videoclipe em parceria com o duo sequela s.a. A canção se estrutura sobre uma base instrumental de *trap* por meio da intercalação de uma melodia cantada por Rick, composta, segundo ele, a partir de um *beat* gratuito disponível na internet, com o canto falado dos MC's Madag e Renanzin, enfatizando na letra o estilo de se vestir, de falar e de se portar dos MC's:

(Dubai)

Eu to de Cyclone, *machine gun*
De boné da Oakley, peita Villone
Eu to cheirosão de Paco Rabanne
De ouro maciço, só talismã [...]
Minha tropa, irmão, só talismã
Lotando mais show que o Maracanã
Já comprei meu jato, sou da Satan
Hoje nós tá voando igual Peter Pan (Boné da Oakley - Dubai e sequela s.a., 2021)

Uma categoria nativa acionada por ouvintes em comentários elogiando o videoclipe no Youtube e que aparece em uma das rimas de Madag é o termo *drip*, que se refere justamente à construção do estilo cultural por meio da ostentação de bens de consumo como joias, roupas e perfumes de grife, assim como artigos esportivos, incluindo tênis de marca, camisetas e casacos de times de futebol e do basquete estadunidense. A conversa realizada sobre a produção do videoclipe rapidamente provocou um retorno às Batalhas de MCs, uma vez que a ligação entre Rick e o duo sequela s.a. foi proporcionada pelo fato de Xamuel, irmão mais novo de Rick e talvez o MC mais jovem do circuito de batalhas da RMPA, com 14 anos de idade, ter sido premiado com a gravação de um videoclipe no estúdio dos “guris do Sequela” por ter vencido uma Batalha de MCs. A produção resultante, denominada *Ideias Reais*⁷ e publicada no Youtube pela dupla de irmãos sob o nome Ideologia Cruel no ano de 2018, surgiu como tópico nas interlocuções com Rick, principalmente em função de *Boné da Oakley* evidenciar uma guinada estética em direção ao *trap* em comparação com o lançamento anterior, baseado em um *beat* de *boom-bap* e com ênfase lírica nos problemas sociais da periferia.

O MC relata que o lançamento de *Boné da Oakley* chegou a gerar surpresa entre seus pares em função do início de sua trajetória musical atrelado ao boom-bap:

Eu era muito do boom-bap. bah, pensa mano, um louco do boom-bap tá ligado, das antigueras... É que no caso eu e o Samuel a gente fazia muito show com nego véio do boom-bap. Tipo bah, a gente conhecia todos aqui, pelo menos da região entendeu, fazia muito show aqui, muita parceria com os nego véio do boom-bap tá ligado. Aí sei lá, não curtia trap mano, sinceramente, não gostava tá ligado. Sei lá, bah, odiava



mano... [...] Até que né, uma hora o cara tem que acordar pra realidade né mano, 4 anos já e sei lá, parecia que a gente tava só derrapando. Até porque o boom-bap nem tá na mainstream mais... boom-bap nem, sei lá, não tá nem vendendo mais... aí bah, o cara tem que se ligar. E aí foi isso né mano, eu decidi investir no trap, fui ouvindo, fui estudando esse estilo e curti, hoje eu curto até mais que o boom-bap, hoje eu me identifico bem mais. (Rick Duarte, comunicação pessoal - 2021)

A guinada em direção ao *trap* corrobora a constatação no estudo de Campos (2020) a respeito da existência de um processo de transformação do Rap no Brasil: da ênfase em uma “estética periférica” para aquilo que denomina uma “estética da superação empreendedora”, dinamizada por MCs que têm nas Batalhas de MC's um espaço formativo fundamental. Este processo acompanha a emergência do *trap* no Rap brasileiro, bem como das *crews*, coletivos voltados para a produção artística e profissionalização de MCs, como forma de organização privilegiada em relação às ONGs e associações culturais predominantes nos anos 1990 e 2000. No entanto, como indica o autor, há uma retenção de prioridades estéticas valorizadas segundo o entendimento do Hip-Hop como uma cultura de rua, negra e periférica que coexistem com o horizonte de profissionalização no viés da superação empreendedora. A questão da escolha do local de gravação do videoclipe de *Boné da Oakley* expõe essa coexistência de modo contundente: “até pensei em outros lugares, tá ligado, pra fazer o clipe, mas aí eu queria meter num salão que tinha aqui na quebrada, tá ligado, que é uma referência pra gurizada aqui da minha vila” (Rick Duarte, comunicação pessoal – 2021).

A associação entre a escolha, por parte de Rick, de um pequeno negócio localizado em sua quebrada para a gravação do videoclipe e as ideias de “tropa” apresentada no refrão e de “gerar uma grana pra firma”, trazida em uma das rimas de Renanzin, abrem vias para que a apropriação do vocabulário empresarial ligada ao entendimento do Rap enquanto um trabalho seja entendida como parte de um processo de realização tanto individual como coletiva, à medida que a superação empreendedora é alavancada por MCs através da profissionalização de suas carreiras artísticas desde um espaço social periférico, firmando relações laborais e afetivas entre seus pares em desafio à vulnerabilidade e aos constrangimentos estruturais associados à desigualdade social e à discriminação racial endêmicas à sociedade brasileira.

4. Considerações finais



Este núcleo inicial de narrativas em interlocução com MCs protagonistas de Batalhas de rima na RMPA capta tanto a multiplicidade de práticas sócio-musicais atravessadas em suas trajetórias, bem como a necessidade de refinar experiências de pesquisa que possibilitem apreender, mesmo que à distância, os desafios enfrentados em experiências de escuta e produção sonora no trânsito entre espaços urbanos centrais e periféricos. Ao longo desta exposição tentou-se evidenciar como a atenção às narrativas que indexam em si distintos espaços-tempos experienciados através do som permite recompor a complexidade do universo de pesquisa constituído entre Batalhas de MCs e práticas sonoro-musicais em diferentes instâncias locais de produção do Rap, conectadas entre si no *continuum* virtual-presencial.

A configuração particular deste universo de pesquisa sugere questões emergentes tais como: quais prioridades estéticas e culturais são acionadas em narrativas acerca dos processos de escuta e produção sonoro-musical em Batalhas de MCs e em produções fonográficas e audiovisuais veiculadas no ciberespaço; como a pandemia da COVID-19 tem impactado na conformação de redes de relações entretecidas através de Batalhas de MC's, estúdios independentes de gravação e sites de redes sociais e; de que modo podemos pensar os agenciamentos produzidos por jovens MCs, por meio de suas múltiplas práticas sonoro-musicais, em relação às dinâmicas de exclusão e marginalização socioeconômica e étnico-racial no espaço urbano da RMPA. Essas questões podem contribuir para propor uma aproximação, de caráter etnográfico, aos modos como sujeitos periféricos (D'ANDREA, 2013) constituem-se através da experiência corporificada do som, começando a desvelar como o atos de rimar *na* cidade e rimar *a* cidade traduzem-se em formas de sociabilidade e, assim como meios de sobrevivência, em modos de subjetivação e existência.

Referências

ABALOS JUNIOR, José Luis. *Jogando com MC's: identidade, estilos de vida e performance em uma experiência etnográfica na "Batalha do Mercado"*. 59 f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). IFCH, UFRGS, Porto Alegre, 2014.



- AHLIN, Tanja; LI, Fangfang. From field sites to field events: Creating the field with information and communication technologies (ICTs). *Medicine Anthropology Theory*, v. 6, n. 2, p. 1–24, 2019.
- CAMPOS, Felipe Oliveira. *Rap, Cultura e Política: Batalha da Matrix e a estética da superação empreendedora*. São Paulo: Hucitec Editora, 2020. 283 p.
- D’ANDREA, Tiarajú Pablo. *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. 309 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia, USP, São Paulo. 2013.
- FELD, Steven. On Post-Ethnomusicology Alternatives: Acoustemology. In: GIANNATTASIO, Francesco; GIURIATI, Giovanni. (org.) *Perspectives on a 21st Century Comparative Musicology: Ethnomusicology or Transcultural Musicology?* Udine: Intersezioni Musicali, 2017. p. 82-98.
- MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 24, p. 95-117, 1995.
- MAZER, Dulce Helena. *Racionalidades do consumo musical: práticas culturais juvenis na cena rap porto-alegrense*. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), PPG em Comunicação e Informação, UFRGS, Porto Alegre, 2017.
- NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala. O “Rap AM” interseccionando gerações: um estudo etnomusicológico sobre práticas político-musicais e as dinâmicas de periferia no circuito manauara. 307 f. Tese (Doutorado em Música). PPG em Música, UFRGS, Porto Alegre, 2020.
- POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, Brasília, Ano 2, n. 3, p. 61-71, 2013.
- ROSE, Tricia. *Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America*. Middletown: Wesleyan University Press, 1994. 237 p.
- SANTOS, Luana Zambiazzi dos. “*Todos na produção*”: Um estudo etnográfico das narrativas sônicas e raps em um bairro popular do Sul do Brasil. 266 f. Tese (Doutorado em Música). PPG em Música, UFRGS, Porto Alegre, 2015.
- SOARES, Maria Andréa dos Santos. Tá na base: etnografia da fala e do gestual dos *rappers* da *ALVO*. In: LUCAS, Maria Elizabeth (org.). *Mixagens em campo: Etnomusicologia, Performance e Diversidade Musical*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. p. 143-170.
- TITON, Jeff Todd. Knowing fieldwork. In: BARZ; Gregory; COOLEY, Timothy. *Shadows in the field: New perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2008. p. 25-41.

Notas

¹ Mestrando em Música, área de concentração Etnomusicologia/Musicologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista CAPES integrante do Grupo de Estudos Musicais (GEM/UFRGS) sob orientação da Profa. Dra. Maria Elizabeth Lucas.



² Porto Alegre conta com uma população de aproximadamente 1,45mi habitantes, dos quais 16% são pretos e pardos autodeclarados, já no bairro Bom Jesus, citado no texto, essas cifras chegam a 41,61%..

³ A expressão MC (mestre de cerimônias, do inglês *master of ceremonies*) refere-se tanto ao elemento poético-musical do Hip Hop baseado na construção de rimas através do canto falado quanto ao papel expressivo desempenhado por participantes que performatizam tal elemento através do Rap.

⁴ Alguns dos vídeos podem ser acessados através dos hyperlinks: <https://youtu.be/NbhmnaVaJTQ> e https://youtu.be/lcsg_Jz4BEU. Acesso em 28 jun. 2021.

⁵ Para uma análise comparativa entre as estéticas boom-bap e trap cf. NORBERTO, 2020, pp. 174-5.

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/wu6ouAmykjc>. Acesso em 25 jun. 2021.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/4fRPM899rpE>. Acesso em 25 jun. 2021.